



## **Impasse mantém invasão da reitoria da USP**

**Alunos e direção da universidade não negociam desocupação do prédio no segundo dia**

**TALITA BEDINELLI**

**ROGÉRIO PAGNAN**

DE SÃO PAULO

A invasão da reitoria da USP chegou ontem ao segundo dia sem que nenhum dos dois lados se procurasse para uma negociação.

Os grevistas, que tomaram o local anteontem, quebrando portas, passaram a noite em colchões e sofás nos corredores do prédio, após uma festa com shows.

Durante todo o dia de ontem, os grevistas não procuraram a reitoria, que também não os procurou. "Eles sabem como nos encontrar", disse à **Folha** ontem o reitor, João Grandino Rodas, que, questionado, não revelou de onde está trabalhando.

O Sintusp (Sindicato dos Trabalhadores da USP), por sua vez, diz que não sabe onde localizar Rodas.

Os funcionários dizem só deixar o prédio quando os salários forem depositados. O reitor, no entanto, afirma que, com a reitoria invadida, não conseguirá efetuar o pagamento, porque a parte administrativa fica no prédio.

Rodas diz ainda que já havia se comprometido, na semana passada, a depositar os salários caso os funcionários voltassem a trabalhar.

Mas os servidores afirmam que só acabam com a greve quando ele der o reajuste pedido pela categoria, de 6%. Eles dizem ainda que o corte de salário é inconstitucional.

O reitor diz que não. E o constitucionalista Ives Gandra da Silva Martins, concorda. Para ele, a greve da USP não existe legalmente.

Para existir, segundo Martins, o Tribunal Regional do Trabalho precisa ser acionado por meio de um processo chamado dissídio coletivo.

"Por meio dele, a Justiça manifesta-se pela legalidade ou não da paralisação. "

Para o jurista Dalmo Dallari, professor emérito da USP, é necessário conhecer o fundamento que levou ao corte de salários. "Lembraria que o reitor é um eminente jurista."

Ontem, o dia foi tranquilo na reitoria. No final da manhã, o professor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP Francisco de Oliveira deu uma aula aberta dentro da reitoria.

À tarde, um debate com o professor de direito da USP Fabio Konder Comparato lembrou o conflito com a PM na greve de 2009. O reitor diz descartar chamar a PM.

À noite, alunos tentaram fazer uma assembleia, mas desistiram por falta de gente.